

EDITORIAL

Ainda que não houvesse uma preocupação por parte dos editores deste número da Revista Araticum, no sentido de apresentar um dossiê sobre determinado assunto ou gênero literário, os artigos ora publicados aproximam-se por problematizarem as técnicas de composição lírica e respectivos trabalhos estéticos e, no caso das análises de narrativas, por interpretarem o texto literário como mediação de variados aspectos sociais, políticos e culturais do Brasil do final do século XIX e início do século XX. É o que se percebe, também, nas análises de poemas de Jorge de Lima e de Ronald de Carvalho. Assim, em “O engenho sucumbe à usina: memória e decadência em *Bangüê*”, Aldinida Medeiros, professora da Universidade Estadual da Paraíba, analisa o romance regionalista da década de 30, de José Lins do Rego, observando-o como uma narrativa que traz uma representação social do período em que a economia rural canavieira no Brasil entrava em declínio. Em “A ambiguidade racial na poesia de Jorge de Lima”, Carlos Magno Gomes, professor da Universidade Federal de Sergipe, dedica-se a uma leitura atenta do poeta alagoano ainda pouco estudado no meio acadêmico, realizando análise da forma ambígua como as representações afro-brasileiras são retomadas na poesia desse autor; ambiguidade que fica mais exposta quando Jorge de Lima representa a imagem da mulher negra como um corpo submisso em oposição ao pessimismo da imagem do negro trabalhador. Tais construções identitárias traduzem uma visão histórica catastrófica da colonização e da modernização do Brasil, segundo Carlos Magno. Conceição Flores, professora da Universidade Potiguar, em “Ronald de Carvalho: de Orpheu a *Toda a América*”, assinala a presença do poeta carioca na Literatura Portuguesa, decorrente da sua participação na primeira edição da Revista Orpheu, e ainda analisa poemas nos quais o autor brasileiro canta a mestiçagem, a pluralidade cultural, estabelecendo um espaço de união e também de confronto da diversidade sócio-cultural do continente americano. Evaldo Balbino da Silva, professor da Escola de Educação Básica e Profissional – EBTT, da Universidade Federal de Minas Gerais, em “Cláudio Manuel da Costa entre a ‘dieta estilística’ neoclássica e o sublime poético”, diferente das demais análises lítero-sócio-culturais aqui apresentadas, detém-se, essencialmente, na interpretação do lirismo do poeta mineiro, classificando a sua poética como um discurso comedido e, ao mesmo tempo, filiado à noção do sublime poético de Longino. Portanto, lirismo situado numa zona limítrofe entre a estética neoclássica, da contenção emocional, e um lirismo mais expansivo. João Batista Santiago Sobrinho, professor do Centro de Educação Tecnológica do Estado de Minas Gerais – CEFET, e Andréia Shirley Taciana de Oliveira, pós-graduanda dessa mesma Instituição, realizam discussão semelhante à do professor Evaldo, uma vez que ambos se dedicam a reflexões imanentistas em torno do texto literário, mas estabelecem, ainda, um diálogo entre imagens do progresso presentes nessa poesia e suas relações com o contexto em que a obra se insere. Assim, em “Da harmonia e da cacofonia: metáforas da natureza e da técnica na poesia de Mário Quintana”, os autores João Batista e Andréia Shirley abordam a substituição da harmonia pela cacofonia das paisagens na obra *Caderno H*, de Mário Quintana, a fim de explicitar a presença da técnica, por meio das críticas que o autor faz ao “progresso” em seus poemas. Em “*O futuro*: um periódico luso-brasileiro”, o professor Marcelo Sandmann, da Universidade Federal do Paraná, dedicado pesquisador de periódicos oitocentistas, traz importante contribuição para os estudos da história da literatura brasileira, a partir do jornal *O futuro*, editado no Brasil, entre 15 de setembro de 1862 e 1º de julho de 1863, pelo poeta português Faustino Xavier de Novais; nesse artigo, Sandmann investiga o espírito geral da publicação, um periódico programaticamente luso-brasileiro, com destaque para as colaborações de Machado de Assis, Camilo Castelo Branco e de

seu editor, Faustino Xavier de Novais. Por último, e não menos importante, temos o artigo “A alma encantadora das ruas: o cronista-flâneur no avesso da cidade”, da professora Marta Passos Pinheiro, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET, no qual analisa o livro de crônicas *A alma encantadora das ruas*, de João do Rio, publicado em 1908, reunindo textos do jornal *Gazeta de Notícias* e da revista *Kosmos*. Destaca-se nessa análise espaços do Rio de Janeiro que ficaram à margem do “progresso” no início do século XX, nesta cidade que passaria a ser conhecida como “maravilhosa”. Colaboraram como pareceristas para este número da Revista Araticum os professores Audemaro Taranto Goulart, da PUC-Minas, Luiz Gonzaga Morando Queiroz, da UFMG, Anamaria Filizola, da UFPR, e Wilton José Marques, da UFSCar, aos quais agradecemos as significativas intervenções críticas, linguísticas e estruturais.

Os editores